

**Comitê de Entidades no Combate à Fome e Pela Vida
COEP - Nacional**

**Proposta didático-pedagógica para o projeto
Sistema de Mídia e Educação – SIME
Telecentros das comunidades do semi-árido**

Consultoria pedagógica: Kelly Russo

Rio de Janeiro, abril de 2007.

Proposta didático-pedagógica para o projeto Sistema de Mídia e Educação – SIME

Sumário:

Apresentação	3
O projeto e seu contexto	4
Princípios Pedagógicos	4
Desafios na produção de materiais	5
Materiais e recursos	6
Etapas de desenvolvimento	8
Implementação	9
Acompanhamento e avaliação	11
Bibliografias de referência	12
Anexo 1: Sugestões de conteúdo casa temática “Telecentro”	14
Anexo 2: Sugestões de conteúdo “Posto de Saúde”	17
Anexo 3: Sugestões de conteúdo “Associação Comunitária”	18
Anexo 4: Sugestões de conteúdo “Plantação” e “Criação”	20
Anexo 5: Sugestões de conteúdo “Casa de Cultura”	22
Anexo 6: Materiais didáticos por casa temática	26
Anexo 7: Tabela de material por casa temática	29

Proposta didático-pedagógica para o projeto Sistema de Mídia e Educação – SIME Consultoria pedagógica: Kelly Russo¹

Apresentação

Desde 2004, foram implementados telecentros populares em comunidades do semi-árido brasileiro. Projeto desenvolvido pelo COEP em parceria com o Governo Eletrônico de Serviço e Atendimento ao Cidadão (GESAC), o telecentro comunitário é uma realidade para 24 comunidades dos estados de Bahia, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe e Paraíba. Cada comunidade já conta ou em breve, irá contar com acesso livre a computadores conectados à Internet em banda larga. Por meio dessa tecnologia, pretende-se ampliar a possibilidade de acesso à informação, disponibilizar novas ferramentas e meios e assim, incentivar uma participação mais ativa de trabalhadores rurais para sua inclusão social.

Após três anos da implementação dos telecentros, surgiu uma questão fundamental: como computadores e a Internet podem contribuir para o desenvolvimento comunitário dessas populações? O acesso *per se* garante um uso que favoreça o empoderamento dos(as) pequenos(as) produtores(as) ou torna-se necessário o desenvolvimento de um projeto educativo que amplie as possibilidades desta ferramenta tecnológica? A partir dos dados levantados nas comunidades e com o propósito de melhor explorar esse recurso e fazer com que essa tecnologia contribuísse de fato para o desenvolvimento comunitário que surgiu o projeto Sistema de Mídia e Educação (SIME).

O SIME é um portal exclusivamente desenvolvido para os grupos integrantes da rede COEP na região do semi-árido brasileiro². Este portal apresenta uma interface que possibilita a identificação imediata dos usuários dos telecentros comunitários desta zona rural e será a “porta de entrada” para diferentes materiais e recursos midiáticos portadores de informações qualificadas. Através de vídeos, cartilhas eletrônicas, animações, programas de rádio e entrevistas com profissionais de diversas áreas, pretende-se *oferecer informações e situações problemas* que estimulem discussões sobre a realidade local, que facilite a identificação de desafios comuns, incentive a criação de redes e amplie o debate sobre o papel das novas tecnologias no desenvolvimento comunitário. O principal desafio do projeto *é tornar os próprios usuários* destes telecentros comunitários *os gestores, coordenadores e produtores culturais nesse uso mais qualificado*. Para isso, o projeto será dividido em duas partes: a primeira compreende a produção de uma primeira leva de materiais; a segunda, os próprios integrantes dessas comunidades deverão produzir e definir novos materiais a serem incluídos neste sistema.

Esse projeto didático-pedagógico se refere essencialmente, aos recursos educativos produzidos nesta primeira etapa de produção, ainda restrita à equipe da COEP Nacional. Mas esta fase de produção não pode perder de vista o objetivo seguinte – onde os próprios usuários serão os responsáveis por novos produtos e recursos. Desse modo, estes primeiros materiais devem *incentivar a busca coletiva por informações*, mais que oferecer respostas. O uso de computadores e da Internet representam uma tecnologia relativamente recente e ainda de uso restrito a camadas mais altas da sociedade, dessa forma são raros os exemplos de uso positivo dessa ferramenta na esfera da pequena agricultura familiar. O SIME então, deverá ter os próprios produtores rurais *como futuros parceiros e atores nesta busca*. De que forma fará isso? Capacitando e empoderando as próprias comunidades para que elas se sintam capazes de lidar com essa tecnologia e explorar os seus usos de forma mais qualificada como ferramenta para a melhoria das condições sociais desta região.

¹ Bacharel em Comunicação Social, especializada em Direitos Humanos e Diversidade Étnica. Mestre em Ciências Sociais e Educação e atualmente, doutoranda em Educação pela PUC-Rio.

² Além da realidade rural, o SIME terá novas interfaces para tratar da realidade urbana.

O projeto e seu contexto

A região do semi-árido do nordeste brasileiro possui uma série de características que a define como área prioritária para o desenvolvimento de projetos sociais e educativos que estimulem uma maior participação social e empoderamento de seus habitantes. Em relação aos aspectos sociais, esta região apresenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano do país, uma renda *per capita* reduzida, altos índices de mortalidade infantil, analfabetismo, desnutrição e deficiência nos serviços públicos nas áreas da saúde, saneamento e abastecimento de água. Também é importante ressaltar a ausência de um programa de reforma agrária efetiva o que ocasiona uma situação ainda mais agressiva de violência e pobreza para os trabalhadores, além de uma *construção social histórica* sobre a “carência” da região. Essa construção contribui para o sentimento de impotência e incapacidade de seus habitantes, que se sentem impotentes perante a uma dura realidade.

Depois de décadas de desenvolvimento de projetos populistas e pouco eficazes que seguiram a idéia de “combate à seca” e assim, criaram um estigma de total carência e dependência dos moradores desta região, atualmente se reconhece que é possível se “conviver com o semi-árido” através de investimento para a busca de tecnologias adequadas às características geo-climáticas específicas. A região do semi-árido apresenta temperaturas médias anuais que oscilam entre 25 e 29 graus, com baixo índice pluviométrico (700mm anuais) e chuvas escassas e mal distribuídas. Como conseqüência, o solo de uma forma geral é raso e pedregoso e a vegetação original é composta pela caatinga, já bastante degradada pelo homem.

Nas últimas décadas, diferentes organizações governamentais e não governamentais vem desenvolvendo projetos que visam propiciar um melhor uso dos recursos naturais existentes e *desconstruir a falsa idéia de dependência social e econômica pela carência da região do semi-árido brasileiro*. Os materiais produzidos para o SIME precisam estar não só conectados a este movimento mais amplo, como também devem contribuir para a construção de uma nova identidade para esta região, por meio da valorização do pequeno produtor rural e tornando-o *sujeito* nesse processo: um ator social capaz de *reconhecer* as especificidades naturais existentes, estabelecer *redes* para conhecer e exigir direitos e assim, *transformar* a situação social de sua comunidade.

Princípios pedagógicos

A proposta didático-pedagógica do SIME está vinculada a uma premissa fundamental: *seu usuário é um agente ativo na construção do conhecimento*. Para isso, sua metodologia procura estabelecer uma *relação mais equilibrada entre prática e teoria*. Será da prática cotidiana que irão surgir questões e a busca por respostas. Nesta busca – protagonizada por esses usuários agentes – a experiência prática será discutida, ampliada e relacionada a conteúdos teóricos contextualizados e assim, o conhecimento construído. *Mas esse conhecimento não é suficiente por si*, precisa ser aplicado no campo prático para ser validado e dessa forma, estar em constante movimento, multiplicando-se e *provocando a participação de novos usuários agentes* nesse processo de aprendizagem.

Esse pressuposto assume a perspectiva de que o processo de formação tem como eixo fundamental o *pensamento crítico, produtivo e coletivo*, onde seus participantes sintam-se aptos para a resolução de problemas e capazes de aplicar seus conhecimentos em diferentes instâncias da realidade: técnica, interpessoal, política, social, etc. Assim, de receptor passivo de ações e políticas provenientes de campos sempre externos à sua comunidade, este usuário será capaz de sentir-se apto a obter informações, articulá-las, utilizá-las e se posicionar como um dos agentes co-responsáveis no processo social.

Com esse objetivo o SIME irá dispor um ambiente de interação que busca oferecer uma série de materiais e atividades: cartazes, folder explicativos, cartilhas impressas e digitais, vídeos, fóruns de discussão, exercícios baseados em situações-problema e que estimulem o desenvolvimento de atividades práticas que envolvam outros usuários e por fim, envolva a comunidade. Portanto, este será um programa de educação e construção de uma *cidadania*

ativa, capaz de estimular *um novo uso dos telecentros comunitários*, possibilitar o *intercâmbio de experiências* e o *acesso a informações* e materiais.

Desafios na produção de materiais para o SIME

A educação à distância é geralmente, tratada e pensada para um público que tem desenvolvido o hábito escolar (disciplina para leituras e discussões de textos, disciplina de horários, interesse genuíno em continuar sua formação, espaço e tempo para desenvolver essas atividades). Quando partimos para um contexto de baixíssima escolaridade, com pouco contato com a linguagem escrita e com dificuldade de acesso à rede escolar temos uma série de desafios ao pensar em materiais a serem utilizados.

Entre os vários desafios presentes na concretização desse projeto está o de criar materiais que sejam capazes de *dialogar com o universo cultural e social de seus usuários*. Partir da *realidade concreta* para daí, possibilitar informações, oferecer novas visões e conceitos *que questionem a própria experiência prática*, sem subestimá-la ou supervalorizá-la. Ela será o nosso ponto de partida, mas não todo o percurso. Para isso os autores de materiais precisam ter claro, o perfil dos atores com quem irá dialogar:

- Integrante de comunidades rurais, com baixa renda familiar e, geralmente, beneficiado por algum programa social do Governo Federal;
- Pequeno produtor rural – diferentes cultivos e criação de animais – ou parte de um núcleo familiar de produção rural;
- Baixa escolaridade (maior parte da população destas comunidades cursou apenas até a quarta-série do ensino fundamental);
- Acesso limitado a recursos hídricos, serviços públicos de saúde e saneamento básico (uso de fossas);
- Pouco ou nenhum conhecimento de informática, nenhuma familiaridade com a tecnologia digital e muitos receios sobre esse recurso;
- Tem a televisão e o rádio local como principais fontes de informação;
- Baixo-estima e experiências de associativismo variados (dificuldades para a continuidade dessas atividades);
- Grau de organização e mobilização comunitária variados (existem usuários integrantes de diferentes movimentos sociais, outros com profunda descrença por esses movimentos);
- Parte de um contexto social com forte segmentação por gênero e onde as mulheres enfrentam muita dificuldade para assumir um papel protagônico;
- Existe uma baixa perspectiva local e uma circulação contínua dos indivíduos entre o contexto urbano e rural, visto que trabalhadores saem das comunidades em busca de trabalho nas cidades em períodos onde a seca é duradoura, e retornam depois para as suas comunidades.

Outro de nossos desafios é subverter a individualidade inerente ao próprio uso dos telecentros – os computadores são utilizados individualmente – para possibilitar materiais que estimulem o *sentimento de coletividade*. Os autores dos materiais devem propor exemplos, exercícios, jogos ou atividades práticas que priorizem a troca de experiências, a criação de redes e o desenvolvimento de atividades que envolvam outros integrantes da comunidade. Também deve procurar incentivar a integração de indivíduos de *diferentes faixas etárias e perfis*: jovens que se unem com os mais velhos da comunidade para desenvolver tarefas comuns; agentes de saúde que precisam se buscar informações junto a agentes de outras comunidades; homens e mulheres com desafios comuns, entre outros exemplos possíveis.

Por fim, é necessário estar sempre presente a *dificuldade de atrair a atenção de um público que não tem incorporada a rotina da leitura e escrita ou do uso de computadores*. Em geral as comunidades integrantes da rede COEP *não conhecem essa tecnologia*, esse desconhecimento gera medos e distanciamento, e quem termina por utilizar os computadores é um número reduzido de jovens que transforma o telecentro em um espaço apenas para

entretenimento (MSN e Orkut). O entretenimento e a diversão devem permanecer, mas *não como única forma de utilização desse espaço*. Portanto, outro dos desafios é *conquistar um público mais abrangente* para que, de maneira mais diversificada de experiências, seja possível explorar as potencialidades dessa tecnologia no contexto do semi-árido brasileiro.

Materiais e recursos

- Conteúdos

O portal de acesso do Sistema de Mídia e Educação está organizado a partir de nove casas temáticas. Cada uma dessas “casas” é um ambiente para o acesso de informações sobre temas práticos específicos, por exemplo: se o usuário entra no “Posto de Saúde” irá encontrar materiais relacionados ao conceito de promoção da saúde; no “Telecentro”, informações sobre as possibilidades de uso de computadores e dos telecentros comunitários e assim em cada uma delas. Para o desenvolvimento dos conteúdos dos materiais e recursos de cada uma dessas “casas”, cada autor irá receber um documento denominado “Sugestão de conteúdos”³, onde estão especificadas as principais temáticas relacionadas nos materiais. Como o nome do documento já esclarece, essas são apenas sugestões, mas devem ser consideradas e complementadas no desenvolvimento dos materiais.

- Linguagem

Ao reconhecer as especificidades do público com o qual iremos trabalhar, é preciso pensar na linguagem mais adequada para a apresentação dos conteúdos e o desenvolvimento dos materiais e recursos que estarão disponíveis no SIME. Em relação à linguagem que será utilizada, os autores precisam ter em mente algumas premissas:

- Valorizar a linguagem coloquial e a experiência prática dos educandos, sem por isso, perder a oportunidade de agregar novos saberes e vocabulários;
- Apresentação do conteúdo em blocos pequenos, com poucos conceitos trabalhados de forma mais clara e aprofundada possível;
- Adequar os conteúdos, tanto em quantidade como em profundidade, ao ritmo de aprendizagem e ao perfil de público para o qual se quer dialogar;
- Flexibilidade e espaços que deverão ser completados pelos próprios usuários, estimulando sua participação e a sua própria forma de construir e trabalhar;
- Ludicidade: que desperte o interesse, seja atraente e ultrapasse o formato de “manuais” fechados;

- Articulação forma-conteúdo

Como o próprio nome já diz, o SIME é um “sistema” que reúne diferentes mídias e formatos, disponíveis nos telecentros comunitários. Desse modo, todo o material *deve ser pensado e desenvolvido de forma conjunta* – possuir unidade visual, de formato e linguagem – mas utilizando *diferentes meios e recursos*. Os conteúdos definidos para cada casa temática devem ser distribuídos pelos meios disponíveis (cartaz, cartilha impressa ou digital, vídeo, texto base, CD-Rom, etc.) de forma que se complementem. Ao ser construído dessa maneira, o usuário poderá fazer diferentes combinações do material, adaptando e criando novos usos de acordo com as necessidades e a realidade de sua comunidade.

- Formato

A implementação do projeto SIME irá ocorrer por meio de um portal na Internet, nos telecentros comunitários, e por meio de ações presenciais através de oficinas de capacitação mútua para educadores e integrantes das comunidades. Para o uso do portal serão desenvolvidos diferentes recursos e materiais que estarão disponíveis através dos computadores (pequenos

³ Anexados ao final deste documento.

vídeos, entrevistas, programas de rádio, cartilhas eletrônicas, CD-Rom). Também estarão incluídas ações em tempo real: especialistas sobre diferentes assuntos participam de fóruns de debates com as comunidades por meio da Internet e no próprio portal do SIME.

Para a ação presencial, será necessária a produção de material impresso para a distribuição nas comunidades durante visitas domiciliares (folders); para a divulgação do telecentro e do SIME nas comunidades (banners e faixas); além de cartilhas impressas com conteúdos relativos àqueles presentes na digital e outra voltada para os mobilizadores (sobre gerenciamento e organização dos telecentros).

- Abordagem baseada em problemas/casos

Ao partir da experiência prática para daí, apresentar novas visões e ampliar conceitos e provocar questionamentos sobre novas alternativas possíveis, será interessante que cada novo conteúdo seja abordado *de forma provocativa e questionadora*. A abordagem deve incluir situações problemas, histórias criadas ou conhecidas que abordem casos os quais os usuários possam se sentir identificados e motivados a descobrir novas soluções possíveis para cada situação apresentada. Cada material deverá conter as seguintes partes: 1. apresentação do tema a partir de situações ou exemplos concretos do cotidiano dos usuários; 2. sensibilização para o problema e questões que provoquem a busca coletiva por respostas; 3. alternativas possíveis – nunca respostas absolutas – encontradas na prática de outras comunidades (prioridade para as rurais); 4. sugestões de atividades práticas que estimulem uma maior participação da comunidade na discussão da temática trabalhada. Em relação ao último ponto, essas atividades podem ser apresentadas com o formato de exercícios práticos, realização de pesquisas, entrevistas, jogos educativos, formação de redes pela Internet, comunicação via rádio local, entre outras possibilidades.

Importante considerar algumas observações gerais para a produção de todo o material:

* Todos os materiais produzidos terão temas transversais, como: gênero, protagonismo juvenil, associativismo/criação de redes e meio ambiente. Estarão presentes de forma indireta, por exemplo, em como organizamos os conteúdos, nas histórias e personagens das cartilhas, nos “causos” que ilustram temas discutidos, etc. Além disso, a cartilha do mobilizador deverá conter exemplos de jogos, atividades e usos que envolvam as comunidades (mobilização) e possibilitem a discussão dessas questões. *Idéia também sempre presente é a de construção e recriação do “kit”: misturando diferentes elementos teremos diferentes usos e resultados para muitas ações educativas e de mobilização na comunidade.

*Idéia também sempre presente é a de construção e recriação do “kit de materiais”: estimular a mistura de diferentes materiais para diferentes usos e resultados nas ações práticas e de mobilização da comunidade.

* Cada “casa temática” deverá trazer “espaços” a serem preenchidos pelas próprias comunidades, ou seja, estimular a participação deles na elaboração de novos materiais, de diferentes usos dos já existentes e se possível, possibilitar que divulguem pelo SIME experiências, dúvidas e conquistas coletivas sobre cada tema.

Etapas de desenvolvimento

Como explicitado anteriormente, esta proposta didática-pedagógica tem referência a fase inicial de produção destes materiais pela COEP Nacional. Em relação a esta primeira etapa, podemos dividir a implementação do projeto SIME em cinco momentos: 1. finalização dos trâmites burocráticos referentes à disponibilização de produções de parceiros no portal da Internet (Embrapa, Canal Saúde, ASA) e sua concretização; 2. abertura de licitação para a produção dos materiais e recursos que farão parte do projeto; 3. produção dos materiais e recursos de capacitação e os que estarão disponíveis no portal da Internet; 4. capacitação mútua entre agentes e mobilizadores das comunidades e educadores envolvidos na implementação do projeto; 5. escolha, contratação e organização de cronograma para a presença de especialistas

que farão parte dos fóruns de discussão com as comunidades. Todas essas etapas estão incluídas no *Cronograma de Atividades do SIME*, planilha em documento anexo.

Implementação

Este projeto pretende utilizar os recursos midiáticos disponíveis nos telecentros comunitários para desenvolver um programa educativo, que estimule seus usuários a ampliarem, modificarem ou criarem novos usos dessas tecnologias para que se transformem em ferramentas ao desenvolvimento comunitário. Dessa forma, o projeto Sistema de Mídia e Educação estará trabalhando *com práticas culturais já estabelecidas* e irá se relacionar diretamente com opiniões, valores, hábitos e experiências individuais ou coletivas que têm uma forte penetração comunitária. Mudanças dessa magnitude exigem o envolvimento de *o máximo de pessoas que trabalhem com ou façam parte das comunidades*, por isso, um *maior tempo de discussão de formatos e conteúdos dos produtos*, além de diferentes processos de *implementação* e da realização de uma *avaliação contínua* sobre seu andamento para que seja possível melhorá-lo ou até, modificá-lo de forma permanente.

Ao se considerar o perfil do projeto, a implementação do SIME não se refere apenas à divulgação e uso dos materiais nas comunidades, mas principalmente, o *envolvimento delas na própria definição de estratégias para a implementação das etapas posteriores do projeto*. Somente desse modo, participando da construção e da reflexão sobre suas implicações, que as comunidades poderão ver e sentir os telecentros e o SIME como ferramentas comunitárias e não “mais um projeto” que chega “para ajudar” à comunidade. Em relação às universidades, podemos fazer a mesma consideração: o SIME só será visto como uma ferramenta de apoio para a comunicação e andamento dos projetos desenvolvidos nas comunidades, se as pessoas envolvidas se sentirem incluídas nas decisões e definições. Apesar da impossibilidade de trabalharmos com prazos e formatos “ideais”, organizamos a implementação do projeto em diferentes etapas para que seja *minimamente* garantida essa *implementação de fato*:

1ª. Etapa: Apresentação e discussão coletiva sobre o SIME com integrantes da equipe da COEP Nacional (etapa anterior à realização dos produtos). Formato: um encontro na sede da COEP Nacional, com todos os integrantes que atuam direta ou indiretamente nas comunidades. Tempo estimado: 4 horas de atividades.

2ª. Etapa: Apresentação e discussão coletiva sobre o SIME e suas possibilidades (etapa anterior ou durante a realização dos produtos). Formato: um encontro de apresentação e debate das temáticas incluídas no SIME durante reunião de agentes e mobilizadores comunitários. Tempo estimado: 4 horas de atividades.

Essa primeira etapa será uma capacitação coletiva que crie uma maior intimidade dos agentes e futuros mobilizadores (agentes de saúde, professores, jovens, etc) das comunidades com os computadores, assim como para os integrantes da equipe da COEP nacional sobre quais as reais potencialidades dos usos dos materiais que serão produzidos pelo SIME. A partir desse encontro será possível definir melhores conteúdos, formatos e ter uma primeira idéia de estratégias para o maior envolvimento comunitário daquelas que ainda não possuem os telecentros instalados.

3ª. Etapa: Discussão de estratégias de usos e discussão de atividades presenciais organizadas pelas universidades (etapa teste dos primeiros produtos). Formato: oficina com participação de agentes e universidades. Tempo estimado: 8 horas de atividades.

Com as primeiras “bonecas” dos produtos que estarão disponíveis no SIME, faríamos um encontro de discussão com os agentes e universidades sobre estratégias de uso do material e sobre as possibilidades para que essa tecnologia contribua de fato, para o desenvolvimento local e facilite as atividades gerenciadas pelas universidades.

4ª. Etapa: Capacitação mútua sobre estratégias de implementação nas comunidades (etapa com o uso dos próprios produtos). Formato: oficinas com agentes e mobilizadores comunitários. Tempo estimado: 8 horas.

Depois de produzidos os materiais é o momento para a realização da capacitação de quem irá utilizá-los dentro das comunidades: agentes COEP, agentes de saúde, professores, mobilizadores comunitários. É importante envolver um número maior de pessoas do que o necessário, visto que desistências existem no decorrer do processo.

5ª. Etapa: Atividades presenciais nas próprias comunidades. Realização (em parceria com as universidades): meses posteriores à finalização da produção dos materiais. Tempo estimado de cada atividade presencial: 4 horas.

Um mês depois da distribuição dos materiais nas comunidades, serão organizadas as primeiras atividades presenciais nos telecentros comunitários. Para isso, serão convidados especialistas que junto a integrantes das comunidades, irão organizar um encontro para discutir temáticas presentes no SIME. Importante: esse especialista não irá organizar sozinho a atividade, mas sim junto a um integrante dessa comunidade. Por exemplo, se o tema é ligada a área da saúde, irá trabalhar lado a lado com o agente de saúde da comunidade em questão; se for sobre o telecentro, junto a um integrante do comitê gestor dos telecentros.

6ª. Etapa: Atividades à distância, por meio de fóruns de discussão nas casas temáticas do SIME. Tempo estimado de cada atividade à distância: bimestral. Especialista estará disponível para chat em dias e horários fixos e amplamente divulgado nas comunidades.

Após as etapas de idealização e implementação do projeto, as comunidades deverão estar mais informadas sobre as possibilidades de uso dos telecentros como uma ferramenta e assim, poderão participar de forma mais autônoma das atividades à distância, como os fóruns de discussão ou debates. O importante é que essas atividades sejam realizadas após as etapas de aproximação, reconhecimento e uso dos computadores e da Internet.

7ª. Etapa: Atividades presenciais para a segunda etapa de implementação do SIME, quando os próprios comunitários irão produzir novos conteúdos para SIME. Tempo estimado: irá variar de acordo a cada comunidade. Produção, junto às comunidades, de peças a serem disponibilizadas no portal (audiovisuais, entrevistas, textos, fotos).

Acompanhamento e avaliação

Considerando que dentro da própria estrutura do COEP Nacional existe uma equipe móvel que circula entre as comunidades para acompanhar o funcionamento dos telecentros, esses profissionais devem ser capacitados para que sejam os responsáveis em verificar o uso ou não, do SIME pelas comunidades, e se não existe o uso, quais as formas possíveis de melhorar sua utilização. Essas informações seriam adquiridas por meio de questionários curtos e observação dos agentes, além dos dados fornecidos pelo próprio sistema⁴. Os dados dos questionários e observações serão reunidos em tabelas e a cada três meses, serão realizadas as análises dos dados recolhidos, a avaliação e a prescrição de diagnósticos para aplicação local. Tanto as tabelas/questionários quanto as análises desses dados devem estar disponíveis na casa temática “Telecentro” do SIME.

Os usuários também poderão e devem participar deste processo de acompanhamento e avaliação. Uma sugestão é a criação de um espaço como um fórum de debates por exemplo, também disponível na casa “Telecentro”, onde os usuários apresentam dúvidas, exemplos de atividades bem-sucedidas, dificuldades ou críticas ao próprio SIME. A idéia é que nesse processo de seleção e apresentação de experiências do uso aconteça um momento de reflexão

⁴ O SIME possui ferramentas de registro sobre a quantidade de uso e os interesses mais comuns de seus usuários.

por parte do usuário, sobre o desenvolvimento do projeto, ao mesmo tempo em que suas opiniões e reflexões expostas nesse espaço auxiliem a análise dos dados recolhidos pela equipe móvel do COEP. Essa avaliação – feita pela equipe COEP nacional e pelos usuários das comunidades – irá contribuir para definir ou redefinir os conteúdos disponíveis no site, a busca por novos materiais produzidos por empresas parceiras ou por meio de capacitações locais com as comunidades.

A condução de procedimentos regulares e processuais de avaliação e sistematização da experiência, assim como de capacitação contínua da equipe são requisitos essenciais para a garantia de uma metodologia que possa ser frequentemente atualizada e assim, estar em sintonia com a dinâmica própria das comunidades COEP. O sucesso desse projeto subentende um padrão mínimo de uso das informações disponíveis no SIME, as observações em campo e dados divulgados pelas próprias comunidades irão possibilitar a busca de melhores estratégias para que essa tecnologia realmente sirva como ferramenta para o desenvolvimento local. Para concluir, vale recordar que a construção de uma metodologia de trabalho no campo sócio-educativo exige recorrentemente uma série de cuidados para que a processualidade que caracteriza qualquer ação pedagógica não seja engessada em fórmulas, receitas e etapismos. O processo pedagógico é necessariamente um relacionamento dinâmico e complexo entre sujeitos sociais, por isso, este projeto didático-pedagógico deve ser continuamente discutido, avaliado e transformado.

Bibliografia de referência

- AUN, Marta Pinheiro e CÂMARA, Mauro Araújo. 2005. A inserção social através de telecentros: notas de pesquisa. In: *Liinc em Revista*, v.1, n.2. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/revista>
- BAPTISTA, F. M. C. 2003. *Educação rural: das experiências à política pública*. Brasília: NEAD/Abaré.
- CÂMARA, Mauro Araújo. *Telecentros como instrumento de inclusão digital: Perspectiva Comparada em Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: www.ufmg.org.br
- CASTRO, Flávio. Educação a Distância e Políticas Públicas no Brasil. Artigo disponível no site da Associação Brasileira de Educação a Distância: http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=41
- COEP. *Pesquisa domicílio e família*. 2006. Disponível em: www.coepbrasil.org.br
- COEP. *Pesquisa pessoas*. 2006. Disponível em: www.coepbrasil.org.br
- COSTA, Carla Barroso; RIBEIRO DO VALE, Sônia Maria Leite e SAZIMA, Ricardo. *Educação a Distância e Formação Profissional Rural: A Experiência do SENAR*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa.
- DESCHÊNES, A.J.; BILODEU, H. BOUDAGES, L., DIONNE, M.; GAGNÉ, P; LEBEL, C.; RADA-DONATH, A. 1998. Construtivismo e formação à distância. In: *Tecnologia educacional*, v.26 (140): 3-10.
- FERNANDES CALLOU, Angelo Brás. 2000. *Comunicação Rural e Educação na Era das Tecnologias do Virtual: proposição para um debate*. Disponível em: www.eca.usp.br/alaic/chile2000/1GT%202000Com%20Tecnologia%20e%20dessarrollo/Angelobrasfernandez.doc
- GEMAS DA TERRA, Rede Rural. 2004. *O Brasil Rural na Era do Conhecimento*. Disponível em: www.gemasdaterra.org.br
- GEMAS DA TERRA, Rede Rural. 2007. *O Telecentro Rural e a Inclusão Social: Ciência e Tecnologia Aplicadas ao Desenvolvimento*. Disponível em: www.gemasdaterra.org.br/docs/jornal_gemas_terra.pdf
- GEMAS DA TERRA, Rede Rural. *Guia Gemas da Terra de Telecentros Rurais. Transferindo Poder para as Comunidades Rurais através do acesso à Internet*. 2005. Disponível em: www.gemasdaterra.org.br
- GEMAS DA TERRA, Rede Rural. *Metodologia de Criação de Telecentros Comunitários*. Disponível em: www.gemasdaterra.org.br
- GIUSTA, Agnelo da Silva e FRANCO, Iara Melo (org). 2003. *Educação a Distância: uma articulação entre a teoria e a prática*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- GUTIERREZ, Francisco; PRIETO, Daniel. 1994. *A mediação pedagógica: educação à distância alternativa*. São Paulo: Papyrus.

- JENSEN, Mike e ESTERHUYSEN, Anriette. 2001. *The Telecentre Cookbook for Africa: Recipes for self-sustainability*. Paris: UNESCO.
- LEITÃO, Cleide, FIGUEIREDO, Gustavo e SANTOS, Henriette dos. 2005. *Elaboração de material didático impresso para programas de formação a distância: orientações aos autores*. Rio de Janeiro: EAD/ENSP/FIOCRUZ.
- MENEZES NETO, Antonio Julio. *Educação, sindicalismo e novas tecnologias nos processos sociais agrários*. Boletim Técnico do SENAC, disponível em: www.senac.org.br
- RAMOS, A. R.; SIMÕES, M. M.; RAMOS, M.L.G. 1989. Educação à distância e o desenvolvimento de recursos humanos. In: *Tecnologia educacional*, v.18.
- RODRIGUES DE SOUSA, Maria Sueli. *Imaginário social de semi-árido e o processo de construção de saberes ambientais: o caso do município de Coronel José Dias – Piauí*. Universidade de Brasília, artigo disponível em: www.unb.br/ciord/enapa/poster/imaginario_social_maria_sueli_rodrigues_sousa.pdf
- SANCHES, Cristiane. *Manual de Gestão de Telecentros Comunitários. Projeto Telecom Livre*. Rio de Janeiro: Coep/Socid.
- SELLES, Guilherme. 2006. *Panorama do Programa Comunidades COEP no Semi-árido*. Disponível em: www.coeptbrasil.org.br
- SIQUEIRA, D., OSÓRIO, R. 2001. O conceito de rural. In: GIARRACCA, N. *¿Una nueva ruralidad en América Latina?* Disponível em: www.clacso.edu.ar/~libros/rural/osorio.pdf
- SOARES, Guilherme. 2006. *Capacitação dos agentes de desenvolvimento local do COEP*. Documento interno, disponível em: www.coeptbrasil.org.br
- SOARES, Guilherme. 2006. *Telecentros comunitários: proposições para o uso sistêmico e permanente em favor da educação*. Documento interno, Projeto Universidades Cidadãs, Rede COEP.
- VALLE, Marcelo. 2006. *Elaboração Projeto Piloto do Sistema de Integração de Mídias e Educação (SIME)*. Documento interno, Projeto SIME, Rede COEP.

Anexo 1: Sugestões de conteúdo casa temática “Telecentro”

Tema principal: Tecnologia, comunicação e transformação social

“A discussão das novas tecnologias no processo produtivo rural é muito incipiente, assim como a discussão que o impacto destas poderá causar no processo de trabalho rural. Sabe-se que o desenvolvimento tecnológico, sob o capitalismo, promoveu uma diminuição significativa do número de trabalhadores rurais no mundo. E o atual desenvolvimento tecnológico apresenta-se mais excludente para os trabalhadores.

Neste momento, mais uma vez, podemos esperar que a política de informatização no campo fique restrita às grandes propriedades que tenham organização empresarial. Por isto, é necessário que os pequenos produtores e os trabalhadores rurais lutem por um novo modelo de desenvolvimento, onde eles não sejam excluídos. E aí estaria presente também um novo projeto educacional, onde vigorariam os princípios da educação politécnica.

A luta pela terra continua atual, necessária e primordial para os trabalhadores rurais. Esta luta deve incorporar a discussão das novas tecnologias, e seu impacto para que se possa construir uma sociedade não excludente para o trabalhador rural. A tecnologia pode desempregar, mas também, em outro projeto social, pode facilitar o trabalho e aumentar a produção. Assim, os trabalhadores rurais devem lutar não só pela terra mas também pelo controle hegemônico das tecnologias, para que possamos ter uma sociedade onde a terra, o trabalho, a técnica e os seus frutos possam ser socializados. E, nesse contexto, a discussão da escola e da formação profissional torna-se fundamental.”

Antonio Julio Menezes Neto

Sociólogo, professor no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da UFMG.

Conceito de Tecnologia

O que é uma tecnologia? Quais as tecnologias presentes no dia a dia da comunidade (das mais simples, as mais complexas sempre a partir do contexto e usos locais)? Que tipo de transformações (de hábitos, de práticas, de produção) essas tecnologias geram ou geraram no cotidiano comunitário? Tecnologias como ferramentas (nem boas, nem más) que impacta ou não o desenvolvimento sócio-econômico de uma região dependendo de sua forma de uso. Qual é o modelo econômico e social que interessa ao trabalhador rural: aquele que o progresso tecnológico organiza e dita as regras e o ritmo do trabalho na Agricultura Familiar ou o contrário?

Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)

Dentre as tecnologias existentes e disponíveis na comunidade, quais são aquelas que facilitam a comunicação e o acesso à informação? Exemplos de conquistas comunitárias obtidas a partir do acesso de determinada informação (direito à aposentadoria, aos incentivos rurais, à terra, etc). Informação e Comunicação como direitos humanos fundamentais (presente no Plano Nacional de Direitos Humanos). Quais as novas tecnologias de Informação e Comunicação (definição das TICs) acessíveis na comunidade? Aproximar as novas tecnologias à realidade local, exemplo:

“Você lembra da televisão na praça da cidade, ou do posto telefônico que ainda existe em alguns lugares? A idéia do telecentro comunitário é a mesma da televisão na praça ou do posto telefônico. Ou seja, como não era possível que todos tivessem televisão em casa, a comunidade compartilhava um aparelho que ficava na praça. O mesmo com o telefone no posto telefônico. O telecentro é um posto telefônico avançado. O telecentro oferece acesso a outras tecnologias além do telefone e da televisão, como por exemplo, um computador, um equipamento de fax, um projetor de filmes, um vídeo-cassete, ou uma rádio comunitária. Portanto, o telecentro é o espaço de aprendizado e compartilhamento de novas tecnologias de informação e comunicação.” (retirado de “Guia Gemas da Terra de Telecentros Rurais”).

Quais as relações possíveis entre TICs e a possibilidade de transformação social? Os Telecentros poderiam ser ferramentas para a transformação social?

TICS e os telecentros comunitários: o que é um telecentro e para que serve?

Telecentros são espaços com computadores conectados à Internet. Para que servem os computadores? O que é a Internet? Exemplo de texto simples e explicativo:

“A Internet é uma rede de comunicação que une computadores no mundo inteiro. Portanto, a porta de entrada da Internet é o computador. Se você tiver acesso a um computador que estiver ligado à Internet, você pode se comunicar com qualquer outra pessoa no mundo que tiver acesso a um computador ligado à Internet. É como se fosse um telefone, só que o custo é mais baixo e você pode enviar mensagens escritas, como numa carta, telegrama ou fax, e também comunicar com voz e imagem. O mais interessante é que o acesso à Internet é disponível via satélite, assim como a televisão é hoje em dia.” (retirado de “Guia Gemas da Terra de Telecentros Rurais”)

Exemplos de uso de um Telecentro: espaço de informação, comunicação, educação e lazer? A Internet como: biblioteca, exibição de filmes e vídeos, comunicação com parentes distantes, cursos de capacitação ou especialização acadêmica ou profissional; busca de empregos; checar preços de produtos, compra e venda de mercadorias, realização de serviços, capacitação educativa e profissional, obter materiais informativos para prevenção de doenças, ampliar a rede de comunidades e juntas, e finalmente, apoiar o desenvolvimento comunitário.

Telecentros, Internet e Desenvolvimento comunitário

O telecentro é mais poderoso quando ele se integra a uma rede de telecentros. Várias comunidades rurais reunidas pela Internet podem formar agendas regionais para reivindicar junto aos governos. Por exemplo, as comunidades podem se juntar para exigir uma escola municipal local ou um posto de saúde. Imagine um dia em que todas as pequenas comunidades rurais do Brasil estiverem ligadas via telecentros. Juntas, estas comunidades terão voz para reivindicar direto em Brasília às agendas de seu interesse. Disponibilizar endereços e links do poder público. Texto que também é documento, porque o “conversado” pela Internet fica registrado. Exemplo de texto:

“Num telecentro, a comunidade pode aprender a usar o computador e a Internet para comunicar com outras pessoas nas comunidades vizinhas, na sede do município ou em qualquer outro lugar. A Internet permite também que a comunidade acesse informação dos governos municipais, estaduais e federais. Através da Internet, um cidadão pode acompanhar onde os recursos públicos estão sendo gastos e reclamar de seu representante na câmara dos vereadores, na assembleia legislativa, no congresso nacional ou no senado. Isso tudo sem sair de sua comunidade. A comunidade pode também apresentar a sua cultura, seus planos de desenvolvimento e suas reivindicações através da Internet. Para você entender a diferença entre a Internet e o telefone imagine que a Internet é um quadro de avisos virtual, ou seja, você cria no computador do telecentro um quadro de avisos sobre a sua comunidade. Como o telecentro está ligado à Internet, este quadro de avisos pode ser visto por qualquer pessoa que estiver conectada a Internet. Este quadro de avisos é chamado de website (uebe-saite), que significa um ponto na teia da Internet. No telefone, você fala com uma pessoa e o que você falou não fica gravado. Já na Internet você pode deixar gravado as suas mensagens de texto, voz, vídeo e imagens de fotos, por exemplo. A Internet tem memória.” (retirado de “Guia Gemas da Terra de Telecentros Rurais”)

Para o desenvolvimento comunitário, a necessidade de um Conselho Gestor dos Telecentros

O que é e para quê criar um Conselho Gestor? A importância da gestão democrática para que o telecentro realmente apóie o desenvolvimento local (mais canais de discussão e controle, mais transparente e produtiva é a organização comunitária). Dificuldades presentes neste processo de permanente consulta comunitária. Exemplo de texto para ilustrar a importância de um Conselho Gestor:

“Assim como você aprendeu a usar a televisão, você pode aprender o uso do computador, da copiadora, do videocassete e outros equipamentos modernos. O telecentro tem como objetivo ser um espaço de treinamento e um laboratório de aprendizado contínuo no uso dessas tecnologias. É importante buscar estas ferramentas, dominá-las e depois usá-las para aperfeiçoar seus conhecimentos. A verdadeira grande barreira é a organização da comunidade em torno de um objetivo comum, ou seja, convencer a

todos a contribuir um pouco para somando conseguir construir e controlar uma ferramenta que vai trazer mais liberdade e desenvolvimento social e econômico para todos. Você também vai encontrar oposição ao telecentro dentro da comunidade. A oposição é natural num sistema democrático e o primeiro passo é respeitar as opiniões contrárias, procurar entendê-las e se possível revertê-las a seu favor. Algumas pessoas serão contra simplesmente pelo fato de ser uma coisa nova. O desconhecido causa medo e insegurança em alguns. Estas pessoas podem ser convencidas através do esclarecimento, procurando responder suas dúvidas e mostrando o caminho para elas. (...) Os curiosos geralmente estão mais abertos às novidades e eles podem ajudar a diminuir a oposição. Deixe sempre a porta aberta para os resistentes entrarem mais tarde. Não gaste sua energia brigando ou atacando os opositores.” (retirado de “Guia Gemas da Terra de Telecentros Rurais”)

Exemplo de texto explicativo sobre para que serve o Conselho Gestor:

“Uma vez formado, o Conselho Gestor terá a finalidade de estabelecer as regras de funcionamento e uso do espaço do telecentro, apontando os rumos futuros, incentivando o exercício pleno da cidadania e dando ferramentas para que a comunidade se desenvolva social e economicamente. Uma das primeiras tarefas do Conselho Gestor é identificar as necessidades de informação e comunicação da comunidade e designar Instrutores(as) e Monitores(as) que estarão mais envolvidos no começo e na gerência no dia-a-dia do telecentro”. (retirado de “Apostila COEP Gestão Telecentros Comunitários”)

Quantas pessoas devem estar no Conselho Gestor e qual o seu perfil? É importante ter pessoas com tipos diferentes de conhecimento (profissionais, vivência, situação civil, idades, grau de instrução) de forma que as necessidades da comunidade sejam amplamente identificadas. Ressaltar o que as pessoas “ganham” por participar do conselho gestor (acesso às informações, maior contato com maior rede de pessoas/instituições; capacitação profissional no uso de tecnologias da informação; habilidade de argumentação e oratória; etc). É IMPORTANTE TORNAR ATRAENTE TER RESPONSABILIDADES NESSE PROCESSO!!! A maior parte dos textos têm grande parte para as obrigações e fala pouquíssimo sobre os ganhos nesta relação (aqui seria importante pensarmos em ganhos pessoais/individuais além dos comunitários citados anteriormente, porque as responsabilidades recaem de modo individualizado).

Democratização do acesso e da produção da informação

Meios de comunicação e seus usos e limitações no Brasil (poucos grupos controlam e definem o interesse nacional). O espaço da ruralidade nos meios de comunicação (estereótipos, desinformação), imagem do semi-árido na mídia (preconceitos, distância da realidade local). Ser receptor e produtor de informação e assim, mudar esse quadro. O texto do Guia do Gemas da Terra está muito bom, uso como exemplo:

“Não é incrível esta nova tecnologia? Ela muda totalmente os padrões de comunicação. Por muitos anos a televisão e o rádio vêm dominando a comunicação no mundo. Porém, estes meios de comunicação são unidirecionais. Ou seja, os poucos que são donos das emissoras de rádio e televisão podem transmitir suas notícias para uma grande quantidade de pessoas que só podem ouvir. Já a Internet é um meio de comunicação bi-direcional, você pode ouvir e pode responder. Você pode criar e divulgar a sua criação. Você pode falar para muitos ao mesmo tempo e pode comunicar com uma pessoa em particular.

A televisão e o rádio ajudam a ter acesso às notícias de fora. Mas como foi dito acima, a televisão é um meio de comunicação de poucos para muitos. Você ouve as notícias que os poucos que comandam as emissoras de rádio e televisão querem que você ouça. Na Internet é diferente, você pode não só ler as notícias que são geradas pelas emissoras de rádio e televisão, como pode também ouvir as notícias direto da fonte. Como isso acontece? Como foi mostrado no exemplo do quadro de avisos acima, qualquer um pode montar um quadro de avisos na Internet para dar notícias sobre sua comunidade. Por exemplo, a Dona Raquel quer dar notícia sobre o concerto da ponte de Conselheiro Mata. Ela coloca a notícia no website do telecentro de Conselheiro Mata. As pessoas que se interessam pelas notícias de Conselheiro Mata podem ler as notícias de qualquer parte do mundo onde estiverem, e podem até dar palpites sobre as notícias. Não é incrível? Qualquer um pode criar notícia sobre sua comunidade e descobrir notícia sobre qualquer outra comunidade na Internet.”

Sistema de Mídia e Educação: sua comunidade na Internet

O que é o SIME? Quais as informações e materiais disponíveis? Estímulo ao uso variado dos recursos disponíveis. Como acessar e criar informações para o portal (manual de como postar infos)? “Casa da cultura” e a sua comunidade na Internet. Sugestões e exemplos de usos possíveis do SIME. Propostas de atividades e sugestões para a produção de material para o SIME.

Anexo 2: Sugestões de conteúdo para casa temática “Posto de Saúde”

Tema principal: Saúde e Cidadania

Conceito de Promoção da Saúde

Saúde não é só a ausência de doenças. Em 1986 a 8a. Conferência Nacional de Saúde definiu “saúde” como um valor diretamente relacionado com a qualidade de vida. Para se ter saúde é preciso ter alimentação, moradia, educação, trabalho, transporte, lazer, liberdade, direito a terra e acesso a serviços públicos de saúde. Para se ter saúde é preciso ter direitos respeitados e exercer a cidadania.

Saúde e Cidadania

Saúde anda junto com Cidadania, com acesso aos serviços públicos e às informações que fortaleçam o bem-estar da comunidade e ajude na prevenção de doenças. O que diz a legislação brasileira sobre o perfil das comunidades que têm o direito a um posto de saúde? Quantos habitantes em sua comunidade? Quais as estratégias para exigir seu direito junto à Secretaria Municipal de Saúde (exemplificar caminhos de mobilização para sensibilizar e exigir poder público: e-mails, abaixo-assinados, manifestações, por exemplo) ou reclamar ao Ministério da Saúde, o não cumprimento de seu direito (quais são os caminhos para isso? E-mail do ministério da saúde, da secretaria estadual, etc). Se a comunidade não tem o número mínimo de habitantes para a existência de um posto de saúde, o trabalho do Agente Comunitário de Saúde deve receber ainda mais atenção e colaboração da população.

Agentes Comunitários da Saúde

Na década de 1990, o Ministério da Saúde adotou em todo o país o Programa Saúde da Família. Neste programa é modificada a lógica de organização de serviços e das práticas de saúde: não existe mais a autoridade absoluta do médico, porque este deve respeitar as diferenças culturais e abrir-se para a troca de experiências com outros profissionais e com a população. A família passa a ser o núcleo de atenção e o Agente Comunitário da Saúde tem um papel fundamental: mobilizar e informar a comunidade para prevenir e identificar enfermidades, além de encaminhar pedidos de exames, consultas e atendimentos especializados nas unidades de saúde mais próximas às comunidades. Ele é um profissional, contratado pela Secretaria Municipal de Saúde, mas que trabalha diretamente com a comunidade. A maior eficiência de seu trabalho depende do apoio da comunidade na busca de informação e na mobilização pela melhoria da qualidade da saúde.

Informação e Mobilização: palavras-chave para a saúde comunitária

Através da ação dos Agentes Comunitários da Saúde são efetuadas as consultas básicas dos programas de saúde pública, desde vacinação ao pré-natal, passando pelo controle da tuberculose, diabetes, hipertensão arterial e hanseníase. Será que esse trabalho depende somente da ação do agente comunitário? Como você pode colaborar para a melhoria da qualidade da saúde de sua família e de sua comunidade? Você sabe quais são as doenças mais comuns em sua região? Quais são as formas de prevenção e os cuidados necessários para quem já sofre alguma dessas enfermidades? Com informação é possível cuidar melhor de sua família, e a mobilização ajuda a construir uma comunidade mais saudável.

Nordeste brasileiro e a Saúde Rural

As especificidades regionais e as condições da saúde no país. A saúde e a ruralidade no semi-árido: principais características da região e as doenças mais frequentes.

Abordaremos as seguintes questões:

1. Hipertensão;
2. Diabetes;
3. Verminoses;
4. Saúde alimentar (anemia/subnutrição);
5. Desidratação;
6. Doenças de pele;
7. Saneamento e higiene;
8. Saúde da mulher;
9. Saúde reprodutiva;
10. Sexualidade adolescente.

SIME e o Posto de Saúde

Como utilizar o SIME para ajudar a informar e mobilizar a comunidade: apresentação dos materiais disponíveis, indicações/sugestões de atividades, sites e caminhos para se exigir direitos do poder públicos, apoio ao trabalho do Agente Comunitário da Saúde. Sites para mais informações sobre cada uma das doenças.

Anexo 3: Sugestões de conteúdo para casa temática “Associação Comunitária” **Tema: Ruralidade, associativismo e qualidade de vida**

Conceito de Associativismo

O que é “associativismo”? Ele pode contribuir com a agricultura familiar? De que forma? Associativismo é um dos pontos permanentes na agenda de discussão do desenvolvimento rural hoje e não se refere apenas a um modelo formal de associação, mas a todas as formas de cooperação organizada em prol de um objetivo comum. Já Associação será a forma legalizada dessa ação coletiva, reconhecido legalmente como instituição jurídica. Na sua comunidade é possível encontrar exemplos de ações associativas? Quais eram os objetivos dessas ações e o que mudou na vida comunitária depois de sua implementação? Alguns exemplos: mutirão, núcleo de produção ou comercialização de produtos artesanais ou cooperativas para a criação de animais.

O Brasil que se transforma por ações associativistas

O Brasil é constituído por muitas pequenas comunidades: rurais, urbanas, quilombolas, indígenas, por exemplo, que identificam problemas, se organizam e transformam realidades. A ação associativa é uma força social, que traz consigo a idéia de cooperação, união de forças, onde a base de organização é o trabalho. Essa força pode ter fins econômicos, religiosos, políticos, de reconhecimento da diferença, entre outros. Com essas ações, iniciadas por organizações sociais, o país vai se transformando. Ainda são muitas as demandas e organizações de movimentos populares no país, mas também são muitos os exemplos de grupos populares que influenciaram decisões políticas: exemplo de organização de mulheres no Brasil (associação de mulheres rurais); exemplo de organização social pela reforma agrária (MST).

Passo a passo do associativismo

As práticas associativas estão no dia a dia da comunidade. É só observar as atitudes, as ações, o trabalho diário das pessoas e a partir dessas histórias, organizar a discussão, partindo sempre da experiência concreta. Quais seriam as etapas para o desenvolvimento de ações associativistas em sua comunidade? A realização de ações de cooperação é fácil ou também traz dificuldades? Quais são as dificuldades? Quais foram as experiências desenvolvidas em sua comunidade que não trouxeram resultados concretos? Por que as dificuldades existem?

Discussões comunitárias e o diálogo das diferenças

Não só de vitórias é feita a organização comunitária, mas também de desafios e até fracassos. Na sua comunidade, você se lembra de alguma tentativa frustrada de trabalho coletivo? Quais? Como é a

participação de sua comunidade nas reuniões sobre decisões coletivas? Por que é assim? Será que o problema está somente na comunidade ou também está na forma como são organizadas essas reuniões? É possível fazer encontros de discussão agradáveis: que misture momentos sérios, com outros de alegrias e conquistas? Como poderiam ser organizados para que os participantes sintam-se parte de um grupo unido e forte? Que seja capaz de identificar fracassos e desafios, mas principalmente, conquistas? Em uma comunidade não existe o “dono da verdade”, mas diferentes pontos de vista que devem ser escutados, analisados e discutidos coletivamente. A reunião da associação comunitária é o espaço de diálogo entre diferentes visões sobre objetivos, ações e até mesmo, sobre a comunidade. E o diálogo entre diferentes é sempre difícil, mas muito necessário...

Soluções diferentes para um desafio comum

Tudo o que é discutido coletivamente necessita de um tempo maior para a tomada de decisões. Uma lenda, fábula ou historia que com humor e simplicidade, exemplifique como visões diferentes contribuem para a maior riqueza das soluções. As diferenças existem dentro da comunidade, mas são elas que tornam a comunidade mais forte para enfrentar problemas: cada um possui algo a agregar.

Associativismo: uma prática constante

O fortalecimento do associativismo é um processo não somente econômico, mas principalmente social e como tal requer estratégias, paciência, flexibilidade, diálogo e ação! Sugestão de atividades que possam fortalecer as ações associativistas que já existem ou criar novas ações na comunidade.

- Identificar os vários grupos informais existentes na comunidade. Por exemplo, grupos de jovens, mulheres, agricultores, entre outros.
- Identificar os bens que são de propriedade coletiva, estrada, escola, cerca de perímetro, trator, entre outros.
- Resgatar através de conversas com pessoas idosas das comunidades, experiências de trabalhos coletivos (mutirões, por exemplo) que transformaram a comunidade.
- Retomar essas experiências coletivas em reuniões com grupos das comunidades valorizando os aspectos positivos das experiências.
- Identificar, através de conversas com diferentes famílias da comunidade, quais as razões para a pequena participação da comunidade na tomada das decisões coletivas e perceber sugestões para que as reuniões se tornem mais “atraentes” para a maior parte da comunidade.
- Desenvolver atividades que incentivem o sentimento de coletividade nas crianças e jovens da comunidade, por exemplo, descobrir por que aquele lugar tem aquele nome, porque a cidade tem determinado padroeiro, um mutirão de recenseamento das espécies locais ou de reflorestamento de áreas degradadas. Essas ações coletivas podem ter um espaço de apresentação na reunião da comunidade? Como a escola e o telecentro podem contribuir para a realização dessas atividades?

Telecentros rurais: uma nova possibilidade para o associativismo

Além do telecentro de sua comunidade, existem outros telecentros em comunidades vizinhas? Existem projetos sociais empreendidos por outras comunidades, para a utilização do telecentro como forma de cooperação? Quais? Exemplos de experiências bem sucedidas do uso do telecentro para possibilitar a formação de redes de trabalho, informação e mudança social. Que tipo de informação pode ser encontrada na Internet que favorece a vida do(a) pequeno(a) produtor(a)? Disponibilizar sites, endereços e informações.

O SIME e novas possibilidades para o associativismo

Como esse sistema de mídia e educação pode facilitar uma interação maior entre as comunidades, o conhecimento de projetos comuns e a identificação de desafios igualmente comuns? Exemplos das potencialidades do próprio sistema.

[Anexo 4: Sugestões de conteúdos para “Plantação” e “Criação de Animais”](#) **[Tema: Agricultura Familiar](#)**

Observação importante: os conceitos sugeridos são adequados para as duas casas temáticas, mas não são suficientes. Além dos conteúdos gerais abordados aqui, os professores/pesquisadores deverão buscar temáticas mais específicas relacionadas ao cultivo e à criação de animais adequadas para o ambiente do semi-árido.

Conceito Agricultura Familiar

Agricultura familiar pode ser definida a partir de três características: a gestão da unidade produtiva é feita por indivíduos que tem laços familiares; a maior parte do trabalho é igualmente fornecida por membros da família e os meios de produção pertencem a mesma família (nem sempre a terra). A agricultura familiar de hoje é diferente da de ontem? Qual o papel e a importância da agricultura familiar no século XXI? Nessas mudanças, qual é o modelo de desenvolvimento econômico e social que privilegia o trabalho do pequeno agricultor? E quais são as necessidades da agricultura familiar para o seu melhor desenvolvimento?

Desenvolvimento sustentável, desenvolvimento rural

As diferentes concepções sobre desenvolvimento no decorrer da história. Os vários modelos de desenvolvimento (sempre recorrendo a exemplos cotidianos e próximos a realidade). A partir da década de 1980, consolida-se no mundo a discussão de um novo modelo de desenvolvimento, que tem como princípio central o conceito de sustentabilidade. Para isso, a importância do reconhecimento do contexto local, de cada região para se planejar metas e objetivos que sejam sustentáveis. Qual é o “contexto local” do Nordeste? Quais são as características do trabalho agrário no semi-árido brasileiro?

Conhecendo a realidade local

A região semi-árida caracteriza-se pela escassez de água, decorrente da incidência de chuvas apenas em curtos períodos de três a cinco meses por ano. Essa característica causa uma forte dependência da intervenção do homem sobre a natureza, no sentido de garantir o armazenamento de água para abastecimento humano e demais usos produtivos. Necessidade de ações estruturais (reforma agrária, execução de programas de irrigação, educação voltada à realidade local, etc) aliadas a técnicas específicas para a convivência com o semi-árido.

Trabalho e renda no semi-árido

O Semi-árido do Nordeste alcança a maior parte do território de oito Estados brasileiros (PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE e BA) e parte do norte de Minas Gerais, numa extensão aproximada de 100 milhões de hectares. Quais são as características físicas dessa região e quais são as suas potencialidades?

Características físicas do semi-árido:

- Concentração das chuvas entre 3 e 5 meses do ano;
- Irregularidade temporal e espacial das chuvas;
- Solos rasos;
- Diversidade de paisagens;
- Oscilação térmica reduzida.

Potencialidades do semi-árido:

- Fruticultura tropical e aquicultura;
- Pecuária de pequeno porte (ovino-caprinocultura e apicultura);
- Produção de culturas oleaginosas (mamona, amendoim, gergelim, girassol, etc.) e suas aplicações industriais;
- Exploração e beneficiamento de riquezas minerais;
- Artesanato;
- Turismo ecológico e religioso;
- Esportes natureza;

O trabalhador rural do século XXI

Ao contrário do que se imaginava, o pequeno produtor rural persiste e ganha mais força ao ter acesso à assistência técnica e créditos, que amplia e melhora a produção. E se historicamente o trabalho rural foi considerado como desqualificado, sem necessidade de treinamentos mais profundos, no modelo de desenvolvimento sustentável no contexto do semi-árido essa realidade continua? O pequeno produtor não precisa de formação profissional? Somente com o aprendizado de pai para filho ou de agentes do governo é possível ter um desenvolvimento sustentável?

Novos desafios para o pequeno agricultor

Mudanças climáticas, sustentabilidade ecológica e energia “limpa”: o que são esses novos conceitos muito presentes na linguagem política e econômica quando nos referimos a ruralidade contemporânea? Por quê estão no centro das discussões hoje e como impactam os modelos de agricultura familiar desenvolvidos no Brasil?

Parceiros no desenvolvimento rural

Instituições parceiras, indicação de organizações não governamentais que trabalham prestam apoio ao pequeno produtor no semi-árido, apoios e créditos do Ministério da Agricultura, das Secretarias estaduais e municipais. Direitos junto ao poder público. Indicação de apoio técnico. Principais cultivos e aqueles apropriados para a região.

Agricultura familiar no SIME

Sugestões de atividades que mobilizem a comunidade e atraia o pequeno produtor ao uso das novas ferramentas tecnológicas. Indicação de material extra e de usos dos materiais disponíveis no sistema.

Anexo 5: Sugestões de conteúdos para casa temática “Casa da Cultura” **Tema: Cultura... O que é e quem faz cultura?**

Conceito de Cultura

O que é cultura? Na sua comunidade existe cultura? Quem faz cultura? Cultura faz parte do cotidiano humano e envolve o trabalho, o lazer, o ambiente e as diferentes formas que os grupos sociais transformam o meio em que vivem. Cultura como algo permanentemente construído e transformado.

Cultura e poder

A cultura e a relação de poder: a crença de uma cultura erudita com maior valor que a cultura popular. Exemplifique bens culturais da maneira mais ampla possível: eruditos e populares. Quais são os bens culturais que você frequentemente se relaciona? Quais você tem mais acesso e quais aqueles que a sua comunidade tem dificuldade de acesso? Por que essa diferença? O índice – divulgado pelo IBGE – sobre as cidades no Brasil em termos de acesso a bens culturais. Quanto mais amplo o acesso, mais diversa a produção cultural.

Meios de comunicação e o valor da “cultura”

Existe relação de poder não só no acesso a bens culturais, como também na valorização de uns em prol de outros. A supremacia dos bens culturais produzidos nas cidades sobre os bens culturais populares nos meios de comunicação. As limitações ou estereótipos que representam o nordeste brasileiro: a televisão e a caricatura de uma cultura local. O que essa caricatura tem de real, o que tem de exagero e o que ela deixa de representar? Essa representação influencia a cultura local?

Do “Combate a seca”...

Por décadas o Estado Brasileiro, através de representantes municipais, estaduais e federais, tratou as características da região do semi-árido como algo a ser “combatido”. A “seca” iria ser combatida, assim como a pobreza e a fome de um povo “sofredor”. Foram muitas as campanhas para “ajudar” os “pobres do nordeste”... Será que essa era uma realidade da região, ou uma forma exagerada de apresentar a

realidade local? Será que esse discurso não influenciou uma posição de “vítima” em lugar de valorizar as potencialidades da população local?

... para a “convivência com o semi-árido”

Existem sociedades que vivem nos congelados pólos do planeta. Existem outras que vivem na úmida e fechada floresta Amazônica. Outros que vivem nos desertos africanos. O que tem de comum entre todas essas populações? A capacidade de criar meios para sobreviver nesses ambientes tão diferentes.

Nos anos 1990 existiu uma mudança no discurso do poder público: em lugar de “combater a seca” do nordeste, começaram a ser desenvolvidos projetos que facilitavam a “convivência com o semi-árido”. O que muda nas ações e nos objetivos desses novos projetos? Foram desenvolvidas técnicas e tecnologias para que o(a) pequeno(a) produtor(a) possa trabalhar da terra, viver bem com a sua família e aprender a lidar com o meio ambiente que está ao seu redor. As potencialidades de cada trabalhador são valorizadas, aliás, são eles mesmos que ajudam o desenvolvimento dessas novas tecnologias. Não são vítimas de uma realidade natural, mas sim atores, homens e mulheres, que se adaptam e transformam a realidade local. São atores e não passivos de um processo de desenvolvimento.

Ruralidade e cultura

Existe uma cultura rural ou muitas culturas rurais? Quais características essa “cultura rural” teria? Quais os bens culturais existentes em sua comunidade (bens não somente como algo concreto, mas também valores, histórias, mitos, crenças, etc)? Eles são comuns a outras comunidades de sua região? E de outras comunidades rurais do sul do país? Existiria uma cultura do “semi-árido”? Exemplos de produções culturais tradicionais do nordeste brasileiro. Atividade: identificar quais deles está presente em sua comunidade, quais existiam no passado, mas atualmente foram deixados de lado. Por que foram deixadas de lado? Quais são as novas culturas locais?

Cultura e identidade

As produções culturais fazem parte de uma identidade. Identidade individual, mas principalmente, identidade coletiva. Cada sociedade desenvolve atividades e expressões artísticas relativas a suas experiências, as vivências de sua população. Nas cidades existem muitas culturas urbanas: jovens de periferia se expressam pelo Grafite e assim constroem sua identidade jovem e contestadora. E no campo? Como os jovens expressam seus desejos e angústias? E as mulheres? A tradição oral como um “bem cultural” do nordeste brasileiro, parte da identidade cultural da região: o repente, a canção popular, os “causos” dos vaqueiros. Mas também existe a escrita: a literatura de cordel, as orações e pedidos religiosos.

Cultura e transformação social

Como era a vida em sua comunidade na época de seus avós? Quais eram as brincadeiras infantis? Quais eram os momentos de lazer? E hoje, como as crianças brincam e quais os momentos de lazer de sua comunidade? A cultura é dinâmica: ela muda, se transforma, porque as sociedades mudam e se transformam. Essas mudanças podem trazer aspectos negativos, mas provocam muitos aspectos positivos também. A cultura não pode ficar “parada” no tempo, se não vira “coisa de museu”, que ajuda a construir a memória de uma sociedade, representar o seu passado, mas não é mais praticada no cotidiano de um povo.

SIME, novas tecnologias e a cultura

A sua comunidade passou a ter acesso a novas tecnologias? Quais? O telefone, o rádio, a televisão e o computador provocaram mudanças culturais? Quais? Eles apóiam a produção de novas expressões culturais e podem colaborar no resgate de antigas? De que forma? Exemplos de uso da tecnologia digital, dos meios, para o resgate de valores culturais. A identidade de um povo se faz também da memória, no resgate de práticas passadas e da transformação ocasionada pelas novas práticas. Como aliar ambas para um processo de construção contínua da cultura de sua comunidade?

Anexo 6: Materiais didáticos por casa temática

1. Telecentro: total de 13 produtos

Materiais de atração e divulgação dos telecentros e SIME (4 produtos):

- Banner colorido, para uso na parte interna dos telecentros, com imagens dos computadores sendo utilizados por pessoas das comunidades rurais COEP, com chamada para o uso (o computador à serviço do trabalhador rural) e sites e telefones importantes (apoio técnico, COEP, GESAC, outros).
- Banner colorido, para uso na parte interna dos telecentros, que divulgue e explique como acessar o SIME (passo a passo ilustrado).
- Folder colorido que será distribuído durante as visitas domiciliares de apresentação dos telecentros, o que é um telecentro, um computador e a Internet.
- Faixa vertical para porta (parte externa do Telecentro), com o nome do Telecentro. Cada comunidade deverá decidir o nome do Telecentro e realizar essa faixa coletivamente.

Materiais impressos disponíveis nos Telecentros (4 produtos):

- (1) Literatura de cordel que aborde a chegada de diferentes tecnologias na comunidade (telefone, trator, luz elétrica, cisterna, TV) e agora os computadores. O que fazer com eles? É possível vencer o medo e a resistência para um uso mais coletivo dessa tecnologia? O que aconteceria se só os jovens utilizassem o telefone ou o trator? Como homens e mulheres da comunidade podem utilizar essa nova tecnologia como ferramenta para o desenvolvimento da comunidade.
- (1) História em quadrinhos que introduza o conceito de Tecnologia de Informação e Comunicação – TICs – e apresente situações onde essas novas tecnologias auxiliem o desenvolvimento comunitário, colocando os integrantes dessas comunidades como principais atores nesse processo.
- (1) História em quadrinhos que aborde a questão da democratização do acesso e da produção da informação no Brasil, a importância de diferentes atores participarem e influírem nesse processo e a disponibilização do SIME como ferramenta para que as comunidades rurais participem desse processo.
- (1) Manual de Gestão dos Telecentros Comunitários. Com indicações de cuidados, formas de uso, a formação de comitês gestores/mobilizadores do uso coletivo desse recurso.

Materiais digitais disponíveis no SIME (5 produtos):

- (2) HQ digitais que, de forma mais sintética, disponibilize uma versão on line dos temas e situações encontrados nos materiais impressos. No final de cada uma delas, além das sugestões de atividades práticas, links de sites que ofereçam mais informações sobre o tema.
- (1) Literatura de cordel que, de forma mais sintética, disponibilize uma versão on line dos temas e situações encontrados no cordel impresso.
- (1) Guia on line ilustrado e prático de como realizar pesquisas na Internet, com exemplos e temas relacionados à busca de informações junto ao poder público: como tirar CPF, como acompanhar o processo de reconhecimento de terras, como dar entrada e acompanhar o processo da Aposentadoria Rural, como fazer pesquisas escolares, etc.
- (1) Vídeo com explicações, depoimentos, dicas e sugestões que complementem as informações do Manual de Gestão dos Telecentros Comunitários. Máximo de 15 minutos.

PARCEIROS: coleção de informática para iniciantes, link para a agenda de notícias do COEP, link para a TV COEP, link para Embrapa.

2. Associação Comunitária: total de 10 produtos

Materiais impressos disponíveis nos Telecentros (3 produtos):

- (1) Revista colorida e ilustrada, composta de pequenas matérias que apresentem o conceito de Associativismo, o reconhecimento do associativismo nas práticas cotidianas

comunitárias e as dificuldades nesse processo: a necessidade de diálogos frequentes com a comunidade e de se lidar com opiniões divergentes. No final, pequenas matérias (com fotos) de experiências de associativismo bem sucedidos dentro das comunidades COEP (preferência comunidades rurais).

- (1) História em quadrinhos com situações e exemplos de como os telecentros e as TICs podem contribuir no processo de associativismo e este, para o desenvolvimento local.
- (1) Pequena Enciclopédia Ilustrada sobre o Brasil que se transforma por ações associativistas. Organizações históricas que através da identificação de problemas e a busca coletiva por respostas mudou a trajetória de desenvolvimento do país. Trazer para o universo da realidade cotidiana desses grupos para daí, refletir sobre como influenciaram no surgir de novas políticas públicas. Mostrar que existe um forte e histórico movimento social no Brasil para contrapor a idéia de passividade da nação brasileira. Exemplos: movimento feminista, movimento negro, movimento indígena, movimentos agrários pela Reforma Agrária, movimentos pela educação popular.

Materiais disponíveis no SIME (6 produtos):

- (1) Revista on line que apresente de forma mais sintética os conteúdos da versão impressa.
- (1) Fotolog com fotos e pequenos textos sobre as experiências de associativismo bem sucedidos dentro das comunidades COEP (comunidades rurais).
- (1) História em quadrinhos on line que apresente de forma mais sintética os conteúdos da versão impressa.
- (1) Pequena Enciclopédia Ilustrada on line que apresente em forma de links e hipertexto, os conteúdos presentes na versão impressa. Indicações de links de diferentes movimentos brasileiros e latino-americanos.
- (1) Vídeo com integrantes da rede COEP (universidade, agentes e trabalhadores) falando sobre suas atividades, trabalho coletivo, conquistas e dificuldades. A rede COEP e as práticas associativistas presentes na própria dinâmica das instituições que fazem parte desta rede. Duração máxima de 20 min.
- (1) Áudio: conversa com um agricultor sobre exemplos práticos de uso do associativismo e melhoria de qualidade de vida. Duração máxima de 10 min.
- (1) Fórum de debates com tutor sobre as dificuldades presentes na prática do associativismo e a importância deste no desenvolvimento do semi-árido.

PARCEIROS: FIOCRUZ vídeos sobre mulheres trabalhadores rurais, link para a agenda de notícias do COEP, link para a TV COEP.

3. Casa da Cultura: total de 10 produtos

Materiais impressos e disponíveis nos telecentros (4 produtos):

- (1) História em quadrinhos que apresente o conceito de cultura, a relação de cultura e poder (popular X erudita?).
- (1) História em quadrinhos que apresente a relação entre meios de comunicação, cultura e construção de identidades locais. As novas tecnologias, o SIME e o espaço para a cultura local na Internet.
- (1) História em quadrinhos que questione e produza a reflexão sobre a existência de uma cultura rural: a existência de muitas culturas existentes no espaço rural e como essas culturas são dinâmicas, agregando novos elementos (como as novas tecnologias por exemplo) e resgatando antigos produtos (a tradição oral, repentes, literatura de cordel, etc).
- (1) Literatura de Cordel sobre a mudança entre a falsa identidade de “carência” dos “flagelados” e aquela que se constrói sobre a idéia de trabalhadores rurais que convivem com o semi-árido.

Materiais disponíveis no SIME (6 produtos):

- (3) HQ digitais que, de forma mais sintética, disponibilize uma versão on line de situações problemas relacionados aos conteúdos impressos. No final de cada uma delas, além de sugestões de atividades práticas, links de sites de organizações culturais existentes no nordeste brasileiro, governamentais ou não-governamentais.
- (1) Literatura de Cordel on line que de forma sintética, disponibilize os conteúdos do impresso.
- (1) Áudio entrevista com especialista sobre o que é “convivência com o semi-árido” e como essa mudança de visão impacta na definição de políticas públicas e práticas sociais. Duração máxima de 10 min.
- (1) Fotolog com imagens de atividades culturais existentes nas comunidades (comidas típicas, práticas cotidianas, instrumentos de trabalho) que possam ajudar a construir uma imagem de unidade entre as diferentes comunidades.

PARCEIROS: ASA vídeos ou materiais diversos que discutam a idéia de “convivência no semi-árido”

4. “Plantação” e “Criação de Animais”: total 15 produtos conceituais que deverá ser distribuído entre as duas casas temáticas.

Materiais impressos disponíveis nos telecentros (4 produtos):

- (1) Revista ilustrada com pequenas matérias, fotos e entrevistas que abordem e apresentem o conceito de Agricultura Familiar e o trabalhador rural do século XXI.
- (1) HQ que introduza o tema de Desenvolvimento: questione a idéia de “linha de progresso” onde todas as sociedades deveriam seguir uma mesma linha de desenvolvimento, para trazer situações de diversos modelos e processos de desenvolvimento, inclusive e principalmente, no âmbito rural.
- (1) HQ que apresente a importância de se conhecer a realidade local para se definir o melhor modelo de desenvolvimento, a inclusão do conceito de “Desenvolvimento Sustentável” no contexto do semi-árido.
- (1) Tabela ilustrada em formato de cartaz e feito com material durável, que relacione a realidade local, com os diferentes plantios aconselhados para a região. A idéia é a apresentação de uma tabela comparativa com pontos positivos e negativos na criação de animais e plantios nesta região. Na parte inferior da tabela, indicação de sites e contatos para maiores informações sobre o tema.

Materiais disponíveis no SIME (8 produtos):

- (1) Revista on line que aborde de forma sintética, os conteúdos presentes na versão impressa.
- (3) HQ digitais que, de forma mais sintética, disponibilize uma versão on line de situações problemas relacionados aos conteúdos impressos. No final de cada uma delas, além de sugestões de atividades práticas, links de sites de organizações culturais existentes no nordeste brasileiro, governamentais ou não-governamentais.
- (1) Tabela digital que apresente as informações da versão impressa.
- (1) Áudio conversa de 10 min. o, onde produtor rural é entrevistado sobre como considerar a realidade local (aspectos geo-climáticos) melhorou a produção de sua comunidade.
- (1) Vídeo entrevista com especialista sobre o que é “convivência com o semi-árido” e como essa mudança de visão sobre esse meio impacta na definição de políticas públicas e práticas sociais. Duração máxima de 10 min.
- (1) Fotolog de técnicas de plantio ou de criação de animais realizadas pelas comunidades COEP que sejam bem-sucedidas no contexto do semi-árido.
- (3) Fóruns debates com tutores que irão esclarecer dúvidas sobre temas específicos relacionados a criação de animais e cultivo de produtos bem sucedidos no semi-árido (verificar temáticas com especialistas).

PARCEIROS: Série de programas de rádio para o produtor rural produzido pelo Embrapa, ASA materiais com indicações de cuidados com a água e plantio no semi-árido.

5. Posto de Saúde: total de 15 produtos

Materiais impressos disponíveis nos telecentros (4 produtos):

- (1) Almanaque ilustrado com informações breves para identificar, cuidar e evitar as enfermidades especificadas no documento sugestão de conteúdos.
- (1) HQ que aborde o conceito de promoção da saúde e relacione o direito à saúde como um direito cidadão, através de situações problemas que abordem a realidade local.
- (1) HQ que relacione a ação dos agentes comunitários com a necessidade de um fluxo de informações contínuo na comunidade. Informação e Mobilização como palavras-chaves para a saúde comunitária.
- (1) HQ que aborde histórias de uso e de realização de atividades que mobilizem a comunidade com o uso dos recursos do telecentro para a melhoria da saúde comunitária. Links e informações sobre a legislação brasileira sobre a existência de postos de saúde por comunidade.

Materiais disponíveis no SIME (11 produtos):

- (1) Almanaque ilustrado digital que disponibilize os conteúdos presentes na versão impressa.
- (3) HQs digitais que, de forma mais sintética, disponibilize uma versão on line de situações problemas presentes nas versões impressas.
- (1) Livro digital sobre uso de Plantas medicinais disponíveis nessa região (pesquisa realizada pela UFPB) e indicação de links para mais informações.
- (1) Vídeo entrevista com agente de saúde, explicando o seu papel na comunidade e como os moradores podem contribuir com o seu trabalho. Duração máxima de 10 min.
- (5) Fóruns de debate com tutores sobre Diabetes, Hipertensão, Saúde alimentar, Doenças de pele, Saúde Bucal e Hanseníase.

PARCEIROS: FIOCRUZ: Sexualidade Adolescente, AIDS, Dengue, Saúde Bucal (infantil), Câncer de Pele; Cuidados Básicos para a Saúde da Mulher; Saúde e trabalho rural (cortadores de cana; mulheres do campo e a dupla jornada); Pílulas Anticonceptivas; Partejas; Diarréia; Vacinação; Câncer do Colo, e outros da série Viva Legal (alcoolismo, câncer de próstata, etc).

Anexo 7: Tabela quantidade de materiais por casa temática

Casa Temática “Telecentro”: 13 produtos	1 Banner colorido sobre telecentros 1 Banner colorido sobre SIME 1 Folder colorido sobre telecentros 1 Faixa produzida pela comunidade 1 Literatura de cordel impressa 1 Literatura de cordel digital 2 HQs impressas com conteúdos 2 HQs digitais com conteúdos das impressas 1 Manual impresso de Gestão dos Telecentros 1 Guia on line sobre pesquisas na Internet 1 Vídeo complementar sobre Manual Gestão
Associação Comunitária: 10 produtos	1 Revista impressa 1 HQ impressa 1 Pequena Enciclopédia impressa 1 Revista versão on line da impressa 1 Fotolog com experiências de associações 1 HQ versão on line da impressa 1 Pequena Enciclopédia on line 1 Vídeo sobre práticas associativistas COEP 1 Áudio conversa com agricultor 1 Fórum de debate com tutor sobre dificuldades e conquistas de associativismo
Casa da Cultura: 10 produtos	1 HQ sobre conceito de cultura, poder, etc. 1 HQ sobre mídia, tec., cultura e ident, etc. 1 HQ sobre o caráter dinâmico da cultura 1 Literatura de cordel convivência semi-árido 3 HQs digitais das versões impressas 1 Literatura de Cordel digital versão impressa 1 Áudio entrevista de 10min. 1 Fotolog atividades culturais nas comunid
“Plantação” e “Criação de Animais”: 15 produtos	1 Revista agricultura familiar no séc. XXI 1 HQ sobre desenvolvimento 1 HQ desenvolvimento sustentável 1 Tabela cartaz sobre cultivos e plantios 1 Revista on line versão da impressa 3 HQs digitais, versões das impressas 1 Tabela digital versão da impressa 1 Áudio conversa de 10min. 1 Vídeo entrevista 1 Fotolog produções nas comunidades 3 Fóruns de debate com tutores

Posto de Saúde: 15 produtos	1 Almanaque ilustrado 1 HQ sobre promoção de saúde, etc. 1 HQ sobre informação e mobilização 1 HQ sobre SIME e promoção da saúde 1 Almanaque digital do impresso 3 HQs digitais sobre versões impressas 1 Livro digital sobre plantas medicinais 1 Vídeo entrevista de 10 min. 5 Fóruns de debate com tutor
------------------------------------	---